



# Gaiato

16 DE FEVEREIRO DE 1974  
ANO XXX — N.º 781 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## Areias do CAVACO

Foi ao fim da tarde de ontem que ela nos apareceu. Trazia um filho ao colo, outro no ventre e outro de 10 anos. Para este nos vinha pedir que o recebessemos em nossa Casa.

Recebemos sempre com muito respeito estas mães. Também elas são a maior parte das vezes, mais vítimas do que culpadas. Não nos cansamos de ouvir a sua história, carregada de problemas de toda a ordem. Não é sem receio que assistimos ao caminhar lento demais na solução dos problemas de base destas gentes com quem partilhámos a nossa vida. Por isso não nos cansamos de falar em nome delas; por isso sofremos em nossa carne a indiferença com que uma classe privilegiada esbanja criminosamente parte dos bens, manchados com sangue e suor da maioria esmagadora, vítima da «miséria imerecida» em que nasce e cresce silenciosamente.

Não é demagogia esta maneira de pensar e de falar. Não é!

Esta mulher que veio ter conosco falou-nos de feridas muito graves; falou-nos do pai que a deixou com o filho no ventre e não sabe dele; falou-nos do pai do outro filho que trazia ao colo — que lindo que ele é! — e desapareceu para a Metrópole; falou-nos do pai do filho de 10 anos que, corbardemente, fugiu.

Não lançamos pedras nem à mulher que temos diante de nós nem aos homens que a lançaram nesta situação. Deitamos, sim, a mão à mãe e aos filhos e apelamos para a consciência dos cúmplices deste estado de coisas que tende a agravar-se cada vez mais!

Padre Manuel



Alguns «Batatinhas» de Paço de Sousa surpreendidos pelo fotógrafo — perto do painelão...



**J**ULIO mais eu temos andado a ler e reler o livro com este nome — o próximo a reeditar — com vistas a qualquer arranjo que nos pareça servir ainda melhor a sempre fácil e fecunda comunicação entre Pai Américo e os seus leitores. Um regalo!

Regalo não é o que aconteceu nas duas últimas semanas: três convocações a Tribunais de duas comarcas, redigidas naqueles termos cominativos do «incorre em multa e no pagamento do imposto de Justiça, se faltar e não justificar a falta no prazo de 5 dias» — estio, aliás, nada condizente com a simpatia e vontade de facilitar que geralmente temos encontrado nas Secretarias Judiciais aonde temos de ir. Mas temos de ir — aí é que está! E para quê?... «Para efeito de inventário, como interessado»... «Para contestar, querendo», isto ou aquilo... etc. etc. etc.

Ora nós queríamos que nos deixassem em paz a respeito de herdas e legados; e que se fizesse lei, de uma vez para sempre, que a Obra da Rua não deseje bens de mão morta nem dará um passo por eles, posto já tenha tido de dá-los (E cá estamos caídos em semelhante mal!) para os recusar.

Daí o gosto com que meus olhos caíram neste pedacinho de prosa de Pai Américo:

«No conceito unânime das gentes, feitos, como andamos todos, às usanças do assistir, ao tempo em que a Casa do Gaiato se estabeleceu em Paço de Sousa, logo no Porto se considerou mais um estabelecimentozinho, a formar em linha e na linha dos mais. Daí o começar a Instituição infante a receber heranças e esmolas do estilo, tais quais as compreende e aceita o Clero, a Nobreza mai-lo Povo. Começou-se por uma herança de cem escudos por mês e durante trinta e seis deles, para a qual se torna necessário preencher setenta e dois recibos, ir cu mandar receber;

e por muitas outras formas e títulos, perder tempo com a supra citada deixa. Vieram a seguir as clássicas esmolas do funeral dos entes mais queridos, publicadas nas gazetas do dia, consoante a etiqueta social. Iríamos receber ou aceitávamos o que nos dessem, sim, mas arrastados, vencidos, cheios de humilhação. Porém, como quer que saísse a lume uma pontinha do nosso protesto interior, tanto bastou para sermos postos na lista negra, falando à moda dos tempos. Nunca mais se recebeu coisa nenhuma! Acho bem. Foi mesmo muito bem feito. Pela boca morre o peixe.»

Isto foi há trinta anos. Pois é! É exactamente, hoje como então, o nosso ponto de vista e a nossa determinação. Por isso aqui estamos a repeti-la, a ver se nos acontece como naquele tempo: «Nunca mais se recebeu coisa nenhuma».

«É que nós somos gente de trabalho» — continua Pai Américo. E este ter de andar por causa de negócios que têm sua origem na morte, empata-nos o nosso «negócio», que é de Vida.

Pe. José Maria

Continua na SEGUNDA página

# LOURENÇO MARQUES

Com o rodar do ano para 1974, começou nova etapa desta Casa. Cremos estar a meio na construção da Aldeia; a um terço da população total. Outros bens adquiridos, embora não dimensionáveis, porque espirituais, são também ali-cerce firme para a construção duradoira.

A nossa fé, esperança e capacidade de trabalho e sofrimento são bens de conquista já antiga mas sempre nova. O aproveitamento educacional e profissional que está em bom ritmo, deu aos Rapazes o sentido de uma vida digna e vertical em relação a um ambiente social que ten-

de a sujeitar e não a erguer, enobrecendo-o, o mais fraco.

A nossa confiança mútua está, todavia, mais sujeita à lei da oferta do que da procura — e sê-lo-á sempre enquanto cada um não amadurecer suficientemente.

As vicissitudes por que passaram os Rapazes nestes últimos dois anos, foram uma lição proveitosa, para além do infeliz e sempre indesejável elemento social que se infiltrou neles e que teremos sempre de acautelar, mais com a solicitude dum coração paternal, do que com uma justiça incongruente, já

várias vezes procurada, mas nunca satisfeita. Aque-la comunicação de Pe. Carlos, no Congresso da Criança em Lisboa e apresentada em «O Gaiato» N.º 776 e se refere a um dos nossos casos, é uma amostra de que a justiça que tanto perseguimos em favor dos nossos, tem sido (ia escrever «quase», mas retiro-o) sempre avessa ao nosso intento. Tem-se a impressão de que a montagem dá mais para alienação dos vícios sociais que para protecção das suas vítimas. Se me perguntassem o que mais custa nesta missão de Padre da Rua, dava a resposta em

duas palavras: passos perdidos.

A complacência do Povo que concorre às nossas necessidades materiais teve melhoria tão notória que chegámos ao fim do ano sem dívidas. E por isso vamos caminhar mais confiantes, até porque a Assistência Pública aumentou o subsídio mensal para seis mil escudos e um Banco passou a dar-nos 5.000\$00, ultrapassando as barreiras do crédito comercial e industrial que é seu paradigma, para investir em bens de cotação social aparentemente nula para tal empresa. Graças a Deus.

# «O BARREDO»

O livro «O Barredo» — em 2.<sup>a</sup> edição — está na rua! A expedição dos 4500 exemplares correspondentes a igual número de leitores-assinantes da nossa Editorial deve ficar arrumada depois da saída do presente número de «O Gaiato».

A máquina está montada. Primeiro foi a legião dos «da lenha»: dobrar catálogos e intercalar os célebres postais RSF. Uma festa de barulho, de trabalhos! Um quadro de «Isto é a Casa do Gaiato». Depois, o mais importante: a embalagem dos livros. Aqui, fia a coisa muito fina. Preside o «Campanera», que tem por colaboradores «Eusébio», «Tomate» e «Timpanas». Sim, este sector prima por um trabalho metódico, simplificado; inclusivé para não prejudicar demasiado a formação profissional dos tipógrafos escalados para a tarefa.

Enfim, além da «trovoada» da «malta da lenha», não se daria fé deste serviço tranquilo e rendível. Sem «piolhices» d'amigo «Piolho»... & C.<sup>a</sup>. Ó saudade!

Relembramos os incentivos de Pai Américo para todas as ideias e objectivos na promoção da nossa Editorial. «Uma Editorial... Ora vejam!» Daí pra cá tem sido um crescer lento, mas operante. Uma divulgação permanente, necessária; diríamos imprescindível...

### ● PEDIDOS DE LIVROS TODOS OS DIAS!

Passaram já pelos nossos olhos as primeiras cartas de leitores. Explosivas. E com notas de Banco de permeio. E postais RSF a pedir mais livros! E a malta exuberante: «São pedidos deles todos os dias!»

Prezados amigos leitores: vençam a terrível inércia do tempo, motivada por falta de tempo, característica dos nossos dias! Requistem os livros que pretendam com uma simples cruz no respectivo quadrado do postal RSF. Preencham legivelmente (sublinhamos de propósito) o nome e morada. E coloquem o dito postal, sem estampilha, como é óbvio, no primeiro marco do correio. Simples, prático! O resto é connosco.

### ● O MUNDO DAS ALMAS A FERVER!

Cartas. O mundo das almas a ferver. O que os nossos olhos já leram! E não-de ler! Na próxima edição sairão algumas. «O Barredo» («Terra de Mártires, de Heróis, de Santos») revolucionário pacífico, mexe e remexe com tudo, com todos — todos — até quando for possível (...) o lançamento do 2.<sup>o</sup> volume com o testemunho dos Redimidos. Porque acima de tudo «O Barredo» é um testemunho de Fé. Um grito manso e humilde de coração — como «naquele tempo». Sem outra arma visível que não seja o sangue dos Inocentes... É o Evangelho nu e cru; sem folclore, sem rendilhados. É Cristo que sofre e desabafa pela voz dos Oprimidos. É o Barredo!

Júlio Mendes

Estamos na Semana da Unidade, o que nos deve dinamizar a uma reflexão profunda sobre este tema.

A unidade dos cristãos é condição essencial para que sejam o sal da terra, para que dêem testemunho d'Aquele que pela salvação dos homens Se deu até à morte. Mas porque cada homem é um mundo complexo, a unidade exige esforço, renúncia, pobreza interior. Pobre é aquele que reconhece os valores dos outros, que não julga que a razão está sempre do seu lado. Pobre é aquele

## Reflectindo por Abel

que luta pelo testemunho que Deus lhe pede, mesmo sangrando pelo caminho. Pobre é aquele que tudo arrisca para que o Reino de Deus se construa.

O ser do cristão deve definir-se pelo amor a Deus e aos Irmãos, inserido na Igreja fundada por Cristo, Igreja que é o Seu sinal neste mundo tão necessitado de unidade no Amor.

Para que cada um de nós cumpra o seu papel dentro da Igreja e seja construtor de Unidade, tem que procurar a sua própria conversão, só possível através de uma profunda vida

Não queremos intrometer-nos em questões complicadas como as da organização desportiva. Claro que temos algumas ideias e até anseios sobre o assunto, mas bastam-nos as preocupações decorrentes da vida que abraçamos para nos tomarem o tempo. Não somos, porém, espectadores passivos e até, para dizer a verdade, somos simpatizantes de determinada agremiação, a que nos ligámos em tempos passados, o que até favorece os contactos com os Rapazes.

Conscientes do papel fundamental da educação física na formação integral da Juventude temos esbarrado, todavia, com as maiores dificuldades na consecução dos objectivos que ambicionávamos: dispor de meios materiais e humanos ao serviço dos Rapazes, tendo presente a máxima latina «mens sana in corpore sano». Instalações, ainda que precárias, não são, no caso concreto, o maior óbice; o que nos falta, e já não é a primeira vez que o solicitamos a quem de direito, são os instrutores ou professores de educação física. Gostaríamos de ver os nossos Jovens a fazer ginástica, praticando desporto, correndo o saltando, como base de preparação para o futuro que os espera, não só na ordem física mas também na ordem anímica. E o que dizemos não o cingimos apenas aos nossos Rapazes, pois, de alma e coração o desejamos para todos os Jovens de Portugal.

É certo que alguma coisa se tem feito ultimamente pela educação física, mas não é menos verdade que o que impera na mente da maioria das pessoas ligadas ao desporto por esse País fora é uma «campeonite» aguda, sem recta visão dos objectivos básicos a atingir, promovendo os exercícios físicos em ordem ao fortalecimento da população nos aspectos acima apontados e fornecendo-lhe ainda salutar ocupação e modo de recreio. Nas agremiações mais modestas e nas mais poderosas a grande preocupação reside em ganhar campeonatos. Contratam-se atletas a peso de ouro.

# Agu Lisboa

E os directores, dum modo geral, não podem deixar de ser «Mecenas», em vista dos «furos» a tapar ou das ambições a satisfazer. Os clubes endividam-se e chegam a hipotecar as próprias instalações; entretanto, estádios-monumentos são construídos para dezenas de milhares de espectadores observarem meia dúzia de atletas em exibição, dando, muitas vezes, livre curso às suas paixões ou instintos mais baixos.

Temos por todos os profissionais, inclusivé pelos do desporto, o maior respeito. Julgamos, porém, que o desporto-espectáculo deveria ser consequência duma segregação do desporto de massa, visando toda a população e em que a ginástica deveria ter o seu papel fundamental. Os edificios construídos de cima para baixo não são possíveis e há, por isso, necessidade de rever ao nível oficial muitas coisas, cada vez com mais firmeza, como os critérios de atribuição dos subsídios concedidos, por exemplo. Compreendemos que se contratem técnicos e professores para se fomentar a educação física e os desportos em geral e que se construam instalações capazes, embora com parcimónia, para as actividades dos praticantes; o que não compreendemos é que ajudem autênticas empresas de espectáculos em prejuízo dos caboucos de toda a estrutura e do bem-estar geral, enquanto os seus dirigentes esbanjam aos milhares de contos do seu património na aquisição de atletas, tantas vezes com o maior insucesso, sem qualquer oposição ou dificuldade. Depois vêm os choros e as decepções, à mistura com os pedidos de isenções e de subsídios para se taparem os buracos abertos. Pasma-se que isto possa suce-

der quando, para os negócios e para as transacções comuns, tanto internos como externos, bem como para as transferências de capitais ou para aquilo que se traduz em exportação de divisas, há regras ou leis a observar. De resto, também aqui nos parece válida a regra de conduta que nos diz que com o que é nosso não podemos fazer o que queremos, mas o que devemos, pois todos somos solidários.

Desculpem os Senhores dos Jornais da especialidade que um pobre padre ao serviço dos Pobres se meta em seara alheia. Já que lhes devemos, entre outros, o grande serviço de contribuir, aliás em prosa fácil e bem architectada, para que muitos milhares de pessoas ainda saibam ler, que não dêem por mal empregados os esforços feitos no sentido duma recta visão dos interesses fundamentais e, por ordem prioritária, de tudo o que diz respeito à causa física do Povo. Por nós, em ordem imediata aos 112 Rapazes que temos à nossa conta, apenas pedimos para já, um Professor de Educação Física, enquanto juntamos a sugestão de os haver ao serviço dos Municípios, como há, por exemplo, das classes dos Médicos e dos Veterinários.

Padre Luiz

## DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Aliás, nós perdemos com eles o menos tempo possível. Forçados a comparecer, recebemos a notificação e arquivamo-la. Nem vamos assistir ao inventário, «em defesa dos nossos direitos». Nem contestamos coisa nenhuma. E, se calha a herda ser em comum com outras Instituições, pois procuramos passar representação a uma delas e afirmamos a nossa concordância de princípio com tudo o que se resolver. Se no fim da coisa arrumada (o que leva sempre muito tempo), bens reduzidos a numerário, nos vier por mão viva, parar às mãos qualquer quantia — faz sempre jeito! Porque — e volto a Pai Américo — «assim constituídos e orientados (gente de trabalho que somos) esperamos, sim, uma acção supletiva de quem quer que seja, em virtude da própria natureza da Obra. Apreciamos sobremaneira o auxílio de todos, quando ele é discreto e se esconde por trás da mão que dá».

Esta é a nossa doutrina, que bem sabemos estar em choque



# Correspondência de Família

«Agradeço ao Senhor por mais uma vez ter a alegria de visitar o Luso, terra querida de meu paizinho e a Obra tão amada de Pai Américo. Graças dou também a Deus por rever novamente parentes e pessoas amigas que aí deixámos e que tanto nos querem bem.

Passámos uns dias em Paço de Sousa, onde reina a paz e a alegria. Tudo é belo, a começar pela capelinha que é tão simples e singela, onde descansa o corpo do nosso Pai Américo, na qual se vê uma cruz deitada sobre o granito e sempre esta enfeitada por flores levadas por pessoas que nunca esqueceram essa alma humilde e boa, que só distribuiu amor e caridade, porque seus pensamentos se dirigiam sempre aos mais necessitados.

Quantas casas mandou construir para abrigar do frio intenso, como também para terem um lar para os aconchegar esses Pobres tão queridos e amados!

Neste momento meus pensamentos se elevam aos Céus, onde tenho a certeza está meu

querido paizinho que foi, como Pai Américo, um sementeiro do bem. Na sua terra, o Luso, menina dos seus olhos, mandou construir um bairro de casas e capelinha (muito branquinhas, como branca foi a sua alma) para as pessoas necessitadas que precisavam de um teto para as abrigar.

Estivemos em Paço de Sousa, onde fomos tratados com todo o carinho e atenção. Nada fizemos para merecermos tanta bondade dos Padres da Obra e dos Rapazes, enfim de todos que se dedicam a essa maravilhosa Obra. Nada somos, apenas uns seres que procuram dar algo de nós, um conselho, um sorriso, uma palavra de carinho e algo que estiver ao nosso alcance. Tudo isto é feito pelos ensinamentos do nosso paizinho, pois a todos os filhos ensinou bondade e ternura para com o próximo e ter sempre em mente a imagem de N. S. de Fátima.

Que alegria senti em rever aqueles campos tão verdinhos, salpicados de flores coloridas, onde as borboletas branquinhas se deliciavam em poisar sobre elas!

Os garotinhos que são os «Batatinhas» também se encarregam de tirar os matos das alamedas e deixar perfeito esse trabalho. Os «Batatinhas» são uns amores que estão na Obra; são pequeninas criaturas tão queridos pelos Padres, como pela Rapaziada. Quando lá estivemos, os garotinhos se juntavam todos perto de mim e diziam que eu era a mãezinha deles. Como me senti feliz, pois sou brasileira e eles se sentiram bem perto de nós. Eles serão sempre filhos queridos do nosso bom Pai Américo, que lá do Céu os encaminha na vida, os educa e os faz felizes através daqueles que se dedicam de alma e coração a essa grandiosa Obra. Tudo fazem sem pensar em si, pois serão eternamente Padres da Rua.

Estivemos na casa onde nasceu Pai Américo. Senti uma emoção tão grande e profunda ao ver aquele quarto onde seus olhos se abriram para o mundo, do qual saíu um apóstolo da caridade que se dedicou somente ao Próximo. Conhecemos quase toda a família, gente boa que nos dedicou toda a atenção. Graças dão a Deus por terem tido um santo que semeou amor e caridade.

O mesmo posso falar do meu bom paizinho que também foi de uma simplicidade fora do vulgar; tudo fazia pelos humildes; só estava bem fazendo a caridade; estava sempre a aconselhar os jovens e todos que o procuravam. Sempre em seus lábios tinha palavras de ternura, de meiguice e de coragem. Lembro-me sempre desta frase que dizia para os que o procuravam, pessoas essas que estavam desanimadas da vida, que era a seguinte: «Sê sempre bom, honesto e trabalhador; não te preocupes com arrelias da vida, porque pela

fé, quando é grande, Deus te dará a recompensa divina». Lembro-me sempre e com muita emoção, de outra frase que dizia ultimamente: «Não quero mais tesouros na terra, mas somente no Céu».

Pai Américo e o meu paizinho foram muito semelhantes aqui na terra. Foram anjos protectores dos necessitados e espargiram pela terra o perfume delicioso da bondade e do amor.

Que eles lá do Céu derramem sobre todos que tiveram a alegria de os conhecer, maiores bênçãos e graças.

Saudade

São Paulo — Brasil

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Foi radiografado. E confirma-se a previsão: úlcera no estômago.

«Já contava» — sublinha o pobre Doente, já aqui referido.

O clínico receitou. E exige dieta rigorosa.

— Eu já cá fazia a minha dieta, conforme podia; mas...

— Agora, vai respeitar as ordens do médico?

Resposta pronta, esclarecedora: — Você sabe como está tudo a subir; tudo tão caro...!

— Não se aflija. De quanto precisa?

Encolhe os ombros. E afirma: — A gente acomoda-se com pouco; com pouquinho. Você sabe como a gente do pouco faz muito...

Uma lição!

Já tem o indispensável: Além do leite, o dinheiro e medicamentos necessários.

Formulamos, agora, a talhe de foice, uma pergunta inocente — a Bem da Nação: Se para determinados males a Assistência Pública fornece drogas a Doentes pobres ambulatórios, porque não para todas as doenças — todas?!

Júlio Mendes

Estes ruídos de motores, estes fumos de milhares de chaminés de fábricas, este rodopiar constante, esta vaga de liberalismo sem barreiras — aliena ou mistura tudo. O homem tem necessidade de pensar. O pensamento regula e dá força à acção. É bom meditar nestas coisas à nossa volta e na nossa condição de homens sempre a caminhar. Pensar ajuda a encontrar rumos, a tecer directrizes, a saber o como e o porquê destes anos que rolam uns sobre os outros. As ideias e sentimentos são susceptíveis de emenda. A experiência ensina o que está mal. Os anos não podem ser contados pela quantidade de rugas ou cabelos brancos que vão aparecendo. A pessoa idosa é assim. Mas a pessoa experiente e experimentada é ainda mais alguma coisa. Derrubam-se concepções. Misturam-se ideias. Faz-se uma salada tomando o todo pela parte. Aliena-se de emancipação. Com muitos direitos e atribuições que se pedem. Com muitos deveres e responsabilidades que se esquecem. Ali, como súpula lógica deste estado de coisas, desponta uma liberdade desenfreada. Esta liberdade tacanha e doentia que bota por terra o que há de mais belo. O que há de mais alto numa sociedade que precisa de ser mais forte e melhor. Este agente de força numa tal sociedade chama-se Família. Passámos, folha atrás de folha, pelas histórias da História e mais uma vez lemos e pensamos. As grandes civilizações de ontem e as super-potências dos nossos dias crescem enquanto essa célula social que é a Família, se mantém sólida nos seus princípios eternos. Cresce... atinge mesmo o seu apogeu... enquanto a Família não deixa de ser Família. Enquanto os pais são mesmo pais. E com o seu exemplo vivo e prático levam os filhos a serem filhos. Preparar um filho é preparar um futuro pai. E aqui é que há contestação. Não bastarão os exemplos do passado para lição do futuro?!... Os filhos ralham com os pais.



Estes não se fazem obedecidos. Já tarde pretende-se levá-los ao bom caminho. Mas faltaram os alicerces da construção do lar. Não se pensou nisso a seu tempo. Para onde vamos?!... Até o amor, esse gérmen tão potente sem o qual nunca há Família, singrou pelos caminhos de tal liberdade. Outros lares infelizes começam nos filhos destes ideais tão perniciosos. Tanto erro, tanto engano, tanta confusão... Este «amor livre»! Este vocábulo «livre» já não tem a dignidade desse outro que os dicionários de outrora ensinaram. Será que a escola é outra ou os dicionários editados é que são diferentes? Ó pais, ó filhos, ó namorados, ó noivas — pensemos neste valor tão grande, tão estável, tão belo que é o calor duma Família! Das sementes que hoje lançarmos à terra sairão os frutos que amanhã vamos colher. E destes frutos outras sementes serão depois deitadas à terra para germinar. Boas sementes? Bons frutos? Ambos dependem de ti.

Rogério

uma conversa com uma pessoa e disse-me assim:

— Ó Grilo, então tu não vendes tudo?

— Não senhor.

— Estou a ver que tu não sabes cantar em Amarante?

— Cantar sei, mas como sou pequenino; canto mas não me ouvem.

Essa pessoa ficou triste com Amarante, mas eu ainda a defendi, dizendo que isso acontecia uma vez por outra. Amarante está a jogar à defesa. Pois tem de ir para o ataque porque de quinze em quinze dias eu vou com 150 jornais. Amarante está na defesa e nem parece o F. C. Amarantino; está a deixar Amarante para comprar «O Gaiato». O público amarantino está a deixar Amarante ficar mal na nossa venda! Estou convencido que Amarante agora vai ser Amarante de há um ano.

Muitos parabéns aos leitores amarantinos e não se esqueçam de comprar «O Gaiato».

Luís Gonzaga Martins

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Mais dois netos da Obra da Rua: António José e Rui Pedro — Filhos do Vasco, de Paço de Sousa.

com «o conceito dos homens bons, que procuram bens de mão morta como condição de vida das suas obras. Porém, «a nós compete-nos viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da Pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida, quer na doença, quer na velhice».

Sem termos chegado ainda à doença, por graça de Deus, nem à velhice, temos sobejas provas experimentais, ao longo dos 34 anos de vida da Obra, de que a única condição de nada faltar é tudo deixarmos por Cristo, com Cristo, em Cristo.

Deixemos, pois, julgar quem julga. «É a carne a falar.»

# Do que nós necessitamos

Porque somos o tentamos ser sempre Obra de amor e verdade, mesmo pecando, chegam até nós os vossos desabafos, alegrias e tristezas. A todos comunicamos que o amor de Deus é infinito e a Sua misericórdia não terá fim. Para que assim suceda, resta amarmo-nos tal qual somos, sem distinção de espécie alguma. Amando de verdade, o Senhor virá até nós.

Uma carta, não sei donde, com mil escudos. Ela aqui vai:

*«Um mau amigo da Obra do Padre Américo vem oferecer fraternalmente o primeiro resultado (arredondado) da promoção de classe.»*

*Votos de contínuas venturas para a Obra ímpar e votos do melhor espírito do Fundador que nunca precisou de tomar atitudes de contestador mas sempre pugnou na «mansidão e humildade», as virtudes que cabem no mandamento único do Amor, ainda que crucificado!*

*É desesperante, em frente da miséria (moral principalmente) e desprovidos de meios (que tantos sofregamente arrecadam) nesta sociedade de consumo. A revolta vem facilmente, mas a Salvação vem pelo nosso próprio vencimento, mesmo na dor e no sofrimento.»*

Da Sigma, o donativo anual de 2.400\$. Do Porto, 200\$. Presenças de Clara e José Flores. Mozelos com 500\$. Amigos que temos na Companhia dos Telefones, com 100\$, 140\$ e 220\$. Duma quotização efectuada na circunscrição de Estradas do Norte, 130\$, sufragando a memória dum chefe. Maria Irene com 100\$. Dum grupo de funcionários da FNAT, 570\$. Da União dos Grêmios dos Comerciantes do Porto, 1.500\$ pelo Natal. Grande percentagem das ofertas aqui mencionadas, chegaram-nos nessa quadra festiva.

Do Pároco de Campeã, 700\$. Da Direcção de «Os Eternos Amigos do Padre Américo», de Viana do Castelo, 500\$. «De um velho amigo», cheque de 10 contos. Fernanda com 50\$. Roupas de Ovar. Mais 500\$ e camisolas, vindos da Rua Dr. Aires Borges. Cheque de 3.000\$, de Lisboa. «Avó de Gaia», com 200\$. Maria com 50\$. Por alma de Domingues de Almeida, 200\$. Mais 100\$ da Capital. Malhas da Fábrica de Silves. Várias presenças muito silenciosas, de Valadares, Gondomar, Porto e Coimbra. E os 100\$ mensais, em selos de correio, da Amadora.

Mil escudos e «que o meu Advento seja o Natal no teu coração». Veio dum nosso irmão de Gaia. 40+40\$, de Águeda — «Obra de Deus, para os Pobres». 5.000\$ do Rio de Janeiro, lembrando Belinha. De

Andrade, Maia & C.a L.da, 500\$. Igual importância da Empresa Industrial do Ouro. Em vésperas de Natal, a visita de professores e alunos da Escola Preparatória de Pereira Caldas, com 620\$50 e 1.100\$. Amiga do Henrique com 150\$. Do Porto, 500\$ e estas linhas: «Ao receber mais uma vez o 13.º mês, não posso deixar de pagar o «Imposto» à tão sublime Obra do Pai Américo. Uma Empresa dos CTT». Ora vejam os senhores, como o 13.º mês dá para «impostos» de grande valia!!

Os 24 contos anuais, daquele casal que, no dealbar de cada ano, outrora nos visitava, assistindo à nossa Missa e tomando do nosso café. Da Invicta, 1.000\$. Amiga do senhor Leandro, com 200\$. Por alma de Marina, 500\$. Selos de Maria Violeta. 6 contos de Odivelas. Ass. 31.690, com 100\$. Braga com 20\$. Fernanda com 50\$. Cheque de 5 contos, de Nelas. Para os Pobres do Barredo, 200\$. Um volume com livros e 100\$, de Santarém. Anónimo, com 1.400 marcos alemães. Roupas de Gaia e Lisboa. E 5.978\$, resto de contos das Bodas de Prata de um Curso de Engenharia. Ainda em referência a este Curso, alguns componentes do mesmo enviaram-nos suas ofertas, para ajuda da formação dum Engenheiro, dentro das nossas Casas.

Professores e alunos da Escola Dr. Augusto César Pires de Lima — Porto visitaram-nos e deixaram: bolachas, rebuçados, livros, etc. E uma migalhinha de 15\$, que um dos pequenos, abeirando-se de mim, puxa do porta-moedas e despeja. Foi de importância tamanha, esta dádiva, que me encheu!

Mas o rol dos bons exemplos continua. Ora vejamos esta carta, que nos veio da Escola Feminina de Atouguia da Baleia:

*«Muito embora os actos valham mais que as palavras, entendo que lhe devo uma explicação.»*

*Hoje, ontem, e nestes últimos dias, houve grande alvoroço cá na Escola... Pensou-se numa prenda para os nossos «Batatinhas».*

Desta vez falaremos mesmo dos nossos rapazes do Lar. É no mês de Janeiro que celebramos o aniversário e queremos aproveitar a ocasião para fazer um balanço, não da parte económica, mas sim da razão de ser da obra. Mais uma vez concluímos que valeu a pena. Olhamos à volta e vemos: o Antonino bem colocado; o Zé a ajudar a família e o Adriano a frequentar um curso no Porto. O Armando já tirou a carta de condução. Este safu do Lar mas vem cá muitas vezes, com satisfação para todos. Ficou sempre agradecido. O Zé de Almeida, com bom ordenado, não tem dado sinais de vida.

É muito reduzida a percentagem dos que não aproveitaram. Confesso que mal dou conta disto. Caminhamos em frente com os que desejam andar, entusiasmando-nos com os seus progressos; e os outros, naturalmente, vêem que este não é o seu lugar e abandonam. Não me lembro que fosse preciso despedir algum.

Há também quem «marque passo» a longo prazo, mas quando dão indícios de vir a despertar não se perde a paciência com eles. Estou agora a lembrar-me do Manuel.

*nhas». Abriu-se uma subscrição (aliás muito generosa), foi-se às compras.*

*Nunca vira até hoje tarefa mais bela, mais enternecedora; todos se contaminaram, todos queriam ir comprar, destinar, ver... (eram 34 crianças).*

*Assim, tudo foi reunido, incluindo até vários bilhetinhos para os «Batatinhas», e amanhã seguirá pelo correio esta amizade,*

## LAR OPERÁRIO DE LAMEGO

Fugia horas e horas seguidas de casa e andávamos depois aflitos em busca dele. Chegou a ficar toda a noite fora e nós toda a noite à espera que batesse à porta. Era inverno e tínhamos que enregelasse com o frio, pois era pequeno e mesmo hoje pode medir-se aos palmos. No dia seguinte um companheiro viu-o na rua e trouxe-o. Quisemos saber porque procedeu assim e onde tinha dormido. Respondeu que andou toda a tarde a brincar, perdeu a noção do tempo e depois entrou para a cabina dum camioneta abandonada e ali adormeceu. Nos dias festivos, se acontecia passar perto do Lar de S. Domingos uma banda de música, o Manuel seguia o grupo e já não aparecia às horas da refeição. Lembramo-nos de o mandar a um psiquiatra que nos afirmou ser um rapaz normal. O tempo foi passando e agora o Manuel dá esperanças de vir a ser mais

*esta generosidade, com um abraço dees e delas, de todos, desejando que o vosso Natal seja alegre e bem vivido.»*

Para todos vós, de todos nós, o nosso abraço amigo, e a certeza que os nossos «Batatinhas» ficaram muito contentes com a vossa lembrança.

Do ass. 11041, mil escudos, «para liquidar o jornal, o resto será prenda do Menino Jesus».

Hoje, ficamos por aqui. Continuar-mos numa próxima edição. Para todos os nossos Amigos, muito obrigado.

Manuel Pinto

um dos que vão aproveitar. Há pouco chegou o Taveira, que embora tenha família aqui perto, veio de Lisboa, onde lhe faleceu o pai com quem vivia. Quando o recebemos trazia consigo más informações; mas o proceder do Taveira diz-nos o contrário.

O Henrique e o Carlos são os mais velhos e quase podiam dispensar o Lar. Trabalham como electricistas, têm um salário regular, entregam algum para as despesas que fazem e ainda ajudam um pouco a família. Eles têm responsabilidade junto dos mais novos e muitas vezes presidem aos actos da comunidade.

Em traços ligeiros aqui deixamos aos queridos leitores as «contas» de mais um aniversário. Ao indicar as «contas» não falamos em dinheiro, nem em ofertas, nem em dívidas que temos. Cada um sabe o que tem enviado e sabe também que temos recebido. Todos hoje ficam ainda a saber que os seus donativos têm sido geralmente bem aproveitados e que o Lar de S. Domingos, na Rua do Teatro, 16, Lamego, só poderá continuar se não faltarem os amigos.

Padre Duarte

## Festas

14 de Marco, Coliseu do Porto; dia 15, Aveiro.

Podemos hoje confirmar que no Coliseu do Porto estaremos na noite de 5.º feira, 14 de Março; e logo em 15, também às 21 e 30 h., no «Aveirense».

Por aqui começam os nossos Rapazes de Coimbra e Miranda do Corvo a sua «tourné», já bem longa na região Centro que costumam visitar — este ano acrescida por estas duas visitas mais ao norte.

Por P.e Horácio — a quem doravante passamos a palavra — sabemos que já por lá reina a azáfama própria da preparação da Festa. Nada, que os Rapazes são briosos e não querem «deixar seus créditos por mãos alheias!» Eles hão-de conquistar as plateias do Porto e de Aveiro, como têm feito às das Beiras, desde o litoral às vertentes da Estrela. Posto todos saibamos que o grande motivo da Festa é encontrarmo-nos, a Família de dentro e de fora; e que o espectáculo é apenas um pretexto para o encontro! Só por isso, para que não fiquem sem este gosto, tão sobejamente manifestado, milhares de Amigos, é que os Rapazes de Coimbra somam às suas canseiras, mais esta de vir ao Porto — como juntarão os de Paço de Sousa com sua ida a Coimbra, quando for a sua vez.

Em Miranda e Coimbra, portanto, «fervet o cus», quanto à parte cénica. Aqui é Júlio já a andar com as burocracias habituais e a movimentar tudo nas praças do Porto e Aveiro, para que o nosso Público seja informado e compareça maciça e entusiasticamente como sempre tem feito.



São os «Batatinhas», de Paço de Sousa — em uma das Festas o ano passado.

E aqui vai um recado que Júlio me recomenda insistentemente: É que, atendendo às circunstâncias da deslocação dos actores deste ano, a Festa no Porto será apenas na 5.ª feira, 14 de Março; não havendo aquela «matinée» de domingo, que entrou também na tradição, geralmente como fecho da romaria do grupo de Paço de Sousa. Oxalá o Coliseu não rebente as costuras!!

